



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

THAYS BARBOSA ALVES

**AS DIVERSAS PERSONIFICAÇÕES DA PERSONAGEM BALEIA: uma revisão
bibliográfica**

Altamira, PA
2025

THAYS BARBOSA ALVES

AS DIVERSAS PERSONIFICAÇÕES DA PERSONAGEM BALEIA: uma revisão bibliográfica

Projeto de pesquisa apresentado como requisito obrigatório para avaliação da disciplina Seminário de Pesquisa, para o curso de Letras na Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Augusto César Pinto Figueiredo.

Altamira, PA
2025

THAYS BARBOSA ALVES

AS DIVERSAS PERSONIFICAÇÕES DA PERSONAGEM BALEIA: uma revisão bibliográfica

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, do Campus de Altamira, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: ___/___/_____

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Augusto César Pinto Figueiredo
Orientador - UFPA/ NABE

Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias
Examinando interno - UFPA/CALT

Prof. Dr. Itamar Zuqueto Serra Neto
Examinando interno - UFPA/CALT

Prof. MSc. Francisco Menezes da Silva
Examinando externo - UFMS/CPTL

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

A474d Alves, Thays Barbosa.
As diversas personificações da personagem Baleia : uma
revisão bibliográfica / Thays Barbosa Alves. — 2025.
30 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Augusto César Pinto Figueiredo
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras -
Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Vidas Secas. 2. Baleia. 3. Personificação. 4.
Humanização. 5. Crítica social. I. Título.

CDD 869.9

RESUMO

O estudo revisa criticamente as diferentes personificações da personagem Baleia, em *Vidas Secas*, destacando sua humanização e suas implicações narrativas, sociais e afetivas. Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa, com análise comparativa de três artigos acadêmicos publicados entre 2010 e 2019. O trabalho tem por objetivo sistematizar e confrontar interpretações sobre o papel de Baleia na obra, evidenciando como a técnica da personificação, o narrador em terceira pessoa e o discurso indireto livre, constroem sua centralidade. O método compreende seleção criteriosa das fontes, leitura analítica e cotejo de eixos temáticos (técnica, crítica social e emoção), seguido de avaliação crítica das convergências e divergências. O estudo identifica consenso quanto à humanização de Baleia e à sua função estrutural no romance, além de apontar ênfases distintas: técnica narratológica, coisificação de Fabiano e afeto como motor de sentido. Os resultados indicam que abordagens parciais tendem a fragmentar a complexidade da personagem e que a integração das dimensões narratológica, social e afetiva oferece leitura mais robusta, situando a miséria sertaneja como molde do vínculo solidário da cadela com a família. Conclui-se que Baleia sintetiza afeto, resistência e crítica social, e sua personificação amplia a empatia ao descentralizar o humano, e que a revisão contribui para a educação literária ao fortalecer a leitura crítica de clássicos brasileiros.

Palavras-chave: personificação; humanização; *Vidas Secas*; Baleia; crítica social.

ABSTRACT

The study critically reviews the different personifications of the character Baleia, in *Vidas Secas*, highlighting its humanization and its narrative, social and affective implications. This is a qualitative literature review with comparative analysis of three academic articles published between 2010 and 2019. The work aims to systematize and confront interpretations about the role of Baleia in the work, showing how the technique of personification, the narrator in the third person and the free indirect discourse build its centrality. The method comprises careful selection of sources, analytical reading and comparison of thematic axes (technique, social criticism and emotion), followed by critical evaluation of convergences and divergences. The study identifies consensus regarding the humanization of Baleia and its structural function in the novel, in addition to pointing out different emphases: narratological technique, Fabiano's objectification and affect as an engine of meaning. The results indicate that partial approaches tend to fragment the complexity of the character and that the integration of the narratological, social and affective dimensions offers a more robust reading, situating the misery of the backlands as a mold of the solidarity bond of the dog with the family. It concludes that Baleia synthesizes affection, resistance and social criticism, that personification expands empathy by decentralizing the human and that revision contributes to literary education by strengthening the critical reading of Brazilian classics.

Keywords: personification; humanization; *Vidas Secas*; whale; social criticism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	8
2.1	Humanização de Baleia.....	9
2.2	Humanização e animalização.....	10
2.3	O mundo interior de Baleia.....	14
3	DISCUSSÃO.....	17
3.1	Análise comparativa entre os autores.....	17
3.2	Crítica à visão dos autores.....	21
4	CONCLUSÃO.....	26
	REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Quando se estuda a literatura, considerando-se os seus diferentes gêneros e autores, não é necessário ater-se apenas às formas e técnicas empregadas pelos autores que buscam atingir um fim específico. É preciso mais do que isso, como, por exemplo, ao se analisar um texto, o foco deve recair na exploração das camadas simbólicas, sociais e culturais exploradas na obra que se deseja compreender. Nesse contexto, a personificação é uma das técnicas que se destacam. A partir dela, atribuem-se, aos seres não humanos, também conhecidos como inanimados, características que os humanizam. O leitor, nesse cenário, conecta-se emocionalmente com esses seres e/ou acontecimentos, gerando um certo impacto nos leitores de maneira simbólica.

Em *Vidas Secas* (1938), a personificação da personagem Baleia é uma demonstração singular desse recurso. Quando Graciliano Ramos atribui à cachorra qualidades humanas, como sentimentos, pensamentos e até mesmo sonhos, ele leva o leitor a enxergar as dificuldades vividas pela família de retirantes através dos olhos da cadela. Na obra, o discurso literário vai além de uma simples narrativa, explorando uma visão crua da condição humana, marcada pela miséria e pelas adversidades da vida. Nesse cenário, a personificação da Baleia se tornou objeto de estudo em diferentes análises acadêmicas, como nas pesquisas de Costa (2014), Maia (2016) e Santos (2019), que exploram como esse recurso não só intensifica o efeito de impacto causado pela obra, mas também reflete as dificuldades enfrentadas no sertão nordestino.

A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre as diferentes análises feitas, especificamente, da personificação de Baleia, em artigos acadêmicos de destaque produzidos por distintos autores, por meio de uma abordagem qualitativa. Essa metodologia possibilita explorar padrões interpretativos acerca do papel da cadela na obra de Ramos, lhe atribuindo novas percepções e comparando-as em suas diferentes perspectivas. O trabalho intitulado “O Narrador em Terceira Pessoa: a humanização de Baleia em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos”, de Costa (2014), analisa como o narrador em terceira pessoa faz uso do discurso indireto livre para atribuir à cachorra características humanas, como pensamentos e sentimentos, evidenciando sua importância na família e seus laços emocionais com as outras personagens da obra. A autora ainda destaca como esse discurso é empregado, dando voz à personagem, assim deixando o leitor mais próximo da experiência vivida no sertão e de suas emoções.

O segundo artigo, “*Vidas Secas: Um Estudo de Coisificação/Animalização em Fabiano em Contraponto à Humanização da Personagem Baleia*”, de Maia (2016), aborda o contraste

entre a humanização de Baleia e a animalização de Fabiano, contextualizando como essa dualidade reflete no cenário de pobreza extrema e nas interações sociais presentes no sertão nordestino. Por fim, o terceiro e último artigo que foi trabalhado, “O Processo de Humanização de Personagem no Conto ‘Baleia’, de Graciliano Ramos”, de Santos (2019), foca no conto Baleia, que originou o capítulo de mesmo nome em *Vidas Secas*, no qual o autor analisou o processo de humanização da personagem e como isso influencia no impacto emocional gerado no leitor. Essa análise complementa os supracitados trabalhos, ao enfatizar a importância da personagem na estrutura narrativa do conto e sua transposição para o romance.

Considerando-se o panorama apresentado, propõe-se nesta pesquisa a realização de uma revisão bibliográfica dos três artigos científicos selecionados, pois, a partir dos seus achados, pode-se trazer uma visão que seja, ao mesmo tempo, ampla e detalhada, explorando-se, nesse cenário, interpretações distintas sobre como a técnica da personificação é explorada por Graciliano Ramos em “*Vidas Secas*” de maneira singular. Tem-se, como objetivo, compreender o papel desempenhado por cada personagem na narrativa do referido autor, buscando justificar que essa obra gera um significativo impacto no leitor, por criar uma conexão com aquilo que se coloca em pauta, bem como pelo seu teor crítico e, assim, explorar os elementos que tornam a personagem Baleia relevante na literatura brasileira, especialmente na regionalista.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O recurso da personificação tem se tornado notável em trabalhos acadêmicos durante anos, não pelo seu uso diretamente nesses trabalhos, mas sim por autores que analisam obras que o utiliza para explorar o cotidiano. O uso da personificação na literatura retrata questões sociais e culturais de forma emblemática, como no caso da personagem Baleia na obra de Ramos, na qual transcende sua condição animal, retratando os percalços enfrentados pela família de retirantes.

A personagem é elaborada pelo autor Graciliano Ramos de forma que não se limita somente ao papel de um animal, mas sim como um ser profundo, composta por individualidade, e divide a mesma relevância dos demais integrantes do romance. Baleia se destaca pelos seus sentimentos e pensamentos que a levam a tomar decisões próprias, desejos e também pelos seus sonhos. Ribeiro (2012, p. 125) argumenta:

Mesmo uma leitura superficial do romance revela que Baleia não é apenas uma função narrativa, algo como um contraponto às figuras humanas, ou ainda uma simples alegoria, sob a qual se esconderia, mal disfarçada, a voz do autor. Ela é uma personagem complexa e irredutível como os demais. Desde o capítulo inicial do livro vemo-la mexer-se com relativa independência de movimentos, cumprindo, sim, o papel que lhe cabe (caçar, sair em busca de alimento escondido na vegetação rala da catinga), mas nem nesse ponto diferenciando-se demasiado dos outros membros do clã, já que todos cumprem também papéis específicos na estrutura familiar.

A personificação então se torna evidente pela forma como Baleia se expressa e como suas ações são narradas no âmbito familiar sertanejo, demonstrando suas dores, anseios e consciência perante as dificuldades enfrentadas no sertão nordestino. Esse efeito narrativo nos mostra o principal ponto do recurso da personificação usado em obras literárias: expressar sentimentos e pensamentos através de elementos não humanos, denunciando questões sociais e simbólicas.

A revisão bibliográfica, nesse sentido, tem como objetivo revisar estudos já existentes e contextualizá-los na fundamentação de um novo estudo. Esse estudo envolve análises críticas e aprofundadas de obras específicas a serem utilizadas que, segundo Motta Roth e Hendges (2010), podem contribuir para a identificação de elos entre as pesquisas analisadas, divergências entre pontos de vista e se há presença de complementações. Esse tipo de pesquisa serve para construir uma narrativa factual, tornando evidente os pontos mais relevantes de cada pesquisa analisada e questões a serem exploradas, fazendo-se fundamental para o tema a ser desenvolvido.

Garcia (2016, p. 292), sobre a revisão bibliográfica, aponta que:

[...] é uma parte muito importante de toda e qualquer pesquisa, pois é a fundamentação teórica, o estado da arte do assunto que está sendo pesquisado. Toda pesquisa, qualquer que seja seu delineamento ou classificação em termos metodológicos, deverá ter a revisão bibliográfica.

Partindo desse ponto, o levantamento bibliográfico ajuda a identificar o tema da pesquisa. Conforme argumenta Gil (2008), esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação.

Ao explorar os estudos da personificação da personagem Baleia, é possível estabelecer uma comunicação entre os diferentes autores selecionados, sendo eles Costa (2014), Maia (2016) e Santos (2019), e suas perspectivas, que serão tratadas nesta pesquisa através da revisão bibliográfica, pois é possível apontar o encadeamento de ideias e o ponto forte de cada uma delas, contribuindo ainda para futuras discussões sobre a humanização de personagens na literatura e seu impacto na crítica literária e na análise de obras.

2.1 Humanização de Baleia

A partir deste ponto, a obra de Santos (2019), intitulada “O Processo de Humanização no conto ‘Baleia’ de Graciliano Ramos”, nos permite explorar uma análise aprofundada sobre esse processo de humanização da personagem, tendo como ponto principal detalhar a forma como Ramos compõe Baleia dentro da narrativa sertaneja, dando ênfase no capítulo que leva o nome da cachorra, buscando:

[...] relacionar a escolha dessa construção ao sentido geral da obra, uma vez que a personagem é continuamente humanizada e assume um papel importante dentro da narrativa, não apenas no conto, mas também no romance “Vidas secas” (Santos, 2019, p. 7).

Sob essa ótica, o autor destaca que Baleia não se restringe apenas a uma cadela, mas que, além desse papel, ela possui importante função dentro da família de retirantes, quando lhe são atribuídas características humanas como sentimentos, pensamentos, sonhos e até mesmo ao compartilhar as angústias vividas pelos membros da família no decorrer da obra. A personagem, em certos momentos, ainda é capaz de demonstrar empatia, compreendendo o sofrimento de seus donos e reflete sobre seus medos e esperanças. Esse momento acontece minutos antes de

sua morte, em que, Baleia por estar muito doente, começa a delirar, sendo esse o maior momento de sua humanização dentro de *Vidas Secas* e no capítulo intitulado com seu nome.

Em todos os acontecimentos, seja em meio às recordações ou aos devaneios, a Fabiano, a Sinhá Vitória e aos meninos, o pensamento da cachorra sempre se volta para eles. Mesmo no instante final, quando o que ela quer é dormir e acordar feliz, “num mundo cheio de preás” (Ramos, 1981, p. 47), é com eles que ela quer desse novo mundo de fartura desfrutar (Santos, 2019, p. 24).

O autor ainda cita outro momento: “E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes” (Ramos, 1981, p. 47). O autor frisa que o processo de humanização da personagem também se dá por meio do uso do discurso indireto livre, e argumenta que o narrador, através do pensamento, fala pelas personagens, tornando possível a imersão nos pensamentos dos membros da família ao leitor. Essa condição narrativa estabelece uma conexão entre as percepções da cadela e as perspectivas dos demais membros, incluindo-a ainda mais no clã familiar.

O ponto alto do trabalho de Santos (2019) está inserido no seu discurso de que Baleia representa um dos principais papéis na construção do romance, quando sua morte reflete a perda de elementos como a solidariedade, empatia, afeto e esperança, dentro da miséria do sertão nordestino vivenciada pela família sertaneja. Sua pesquisa se volta para a ideia de que a cadela vai além da sua condição biológica e acaba se tornando um papel central na obra de Graciliano Ramos.

Dessa forma, a argumentação do autor sobre a narrativa da personagem mostra que as vivências de Baleia realçam os aspectos angustiantes da obra, pois sua humanização se contrapõe à desumanização dos personagens humanos e a coloca como símbolo tanto de ternura quanto de brutalidade que estão presentes no cenário sertanejo.

2.2 Humanização e animalização

Dentro da literatura, podemos encontrar contrapontos entre a humanização e animalização das personagens. Esse recurso permite que autores possam explorar os limites da condição humana em diferentes contextos, conforme cita Maciel (2023): “a animalidade, na literatura, não é apenas uma metáfora do outro, mas uma forma de questionar os limites do humano”.

Essa troca de consciência entre o homem e o animal dá evidência àquelas personagens que estão submetidas à fragilidade do ser humano diante de forças opressoras, como a miséria, violência e o abandono social, sendo os humanos retratados com características animais e os animais ganham traços humanos. Essa narrativa foge da ideia tradicional da racionalidade, gerando maior sensibilidade no leitor e uma reflexão sobre o que é ser humano. Portanto, tem-se: “de um lado Baleia que sente, ama, protege e cuida, enquanto Fabiano é construído sob o signo da aridez, ele é duro, seco e áspero” (Beltrão, 2014).

Um tema presente na obra de Ramos (1981) é a animalização e humanização, pois traz a personagem Baleia de forma humanizada em contraponto com o personagem Fabiano, um homem animalizado. Nesse cenário, encaixa-se a pesquisa de Maia (2016), nomeada: “Vidas Secas: um estudo de coisificação/animalização em Fabiano em Contraponto à Humanização da Personagem Baleia”. Essa narrativa leva o leitor a refletir e compreender as características das personagens presentes no romance, colocando ainda em evidência suas distorções provocadas por uma realidade social discriminatória.

A análise de Maia (2016) está voltada para o contraponto entre Fabiano e Baleia, que mesmo vivendo a mesma realidade, apresentam divergência em relação à percepção existencial. A autora aponta que Ramos (1981) emprega as duas personagens para haver uma troca de papéis entre o homem e o animal, sendo que essa inversão foge dos limites habituais que separam as ideias tradicionais e a sensibilidade, característica exclusivamente humana. A partir disso, ressalta que:

Colocadas em distintos seres de diferentes espécies, tais classificações ganhariam contornos imprevistos, literalmente fabulosos, pois o animal, nesse caso a personagem Baleia, estaria assumindo a posição do homem dentro da lógica racionalista, e vice-versa. A reificação social, isto é, a concentração de atividades para a solução de problemas referentes às riquezas materiais, ou, em termos mais gerais, entraves econômicos, está intensamente presente no personagem Fabiano (Maia, 2016, p. 31).

A partir do exposto, algumas considerações devem ser feitas. No trecho, Maia (2016) afirma que, na narrativa, Graciliano Ramos apresenta uma “inversão simbólica”, pois não se apresenta apenas a caracterização das figuras centrais. Transferem-se, nesse contexto, os atributos tidos tipicamente como humanos justamente ao não-humano, e, ao homem, o humano, traços específicos a uma condição animal. Baleia, a cadela, tem um senso de percepção aguçada e, nesse sentido, torna-se, ao mesmo tempo, sensível e racional, ao passo que Fabiano, o humano, ao ser submetido a uma engrenagem socioeconômica excludente, é visto apenas como alguém útil àquele sistema. Tal oposição, para Maia (2016), torna a crítica de Graciliano

Ramos clara: evidencia-se como o sistema desumaniza o homem e humaniza o animal – aqui, a cadela.

A seção 4 do trabalho da autora tem estrutura dicotômica. Na primeira parte, ela faz análise das características humanas concedidas à Baleia e, na segunda parte, foca em uma análise das características de coisificação/animalização que marcam Fabiano. Sobre a cadela, Maia (2016) ressalta que Baleia assume uma função social de suma importância para aquela família de retirantes, destacando que sua relação com os mesmos vai além de um vínculo instintivo, pois participa de forma ativa e emocional do cotidiano familiar, em que, muitas vezes, acaba se tornando o único elo de ternura em um ambiente hostil.

Já se sabe que Baleia é descrita como sensível, intuitiva e também consciente, essa última fica ainda mais evidente na cena em que está prestes a ser sacrificada, mostrando desconfiança e medo do seu dono: “Ela age com naturalidade, mas, dentro de si, a voz de um instinto ou de uma percepção quase humana sugere uma desconfiança em relação ao outro[...]” (Maia, 2016, p. 34). A interpretação da autora mostra que a personagem vai além do seu instinto animal e adentra a racionalidade.

Para a autora, a construção da narrativa feita por Ramos (1981) na cena da morte de Baleia, dá a entender uma “imaginação delirante”, fazendo a personagem lembrar do passado ao lado de seu dono, da sua rotina diária, preocupação com as suas obrigações na fazenda, e sofre por não conseguir desempenhá-las em seus últimos momentos. Maia (2016) destaca que Baleia “[...] refugia-se em um esconderijo, em uma atitude que está para além do instinto, demonstrando capacidade racional de lidar com os problemas que surgem [...]” (Maia, 2016, p. 34), evidenciando como a cadela tem a capacidade de manejar seu sofrimento emocional, buscando se enganar, como qualquer ser humano faria diante da morte, e até finge ladrar para evitar que está arquejando de dor.

Partindo para o próximo ponto do trabalho da autora, Fabiano é um homem marcado pela reificação, definição usada pela autora para descrever o processo de desumanização do personagem, tornando-se um objeto funcional. Essa desumanização/coisificação, segundo a autora, está ligada à herança cultural, de forma estrutural e enraizada nas relações de trabalho, além da linguagem precária que, de certa forma, isola Fabiano dos demais. Assim, “é evidente a posição de animal atribuída a Fabiano, embora anunciada pelo narrado, era fruto do pensamento dele. Ele mesmo retirava sua humanidade e o levava à condição animalesca [...]” (Beltrão, 2014).

Nesse sentido, é preciso destacar, considerando a análise apresentada por Maia (2016), que a animalização da cadela Baleia não se revela apenas em contextos/situações exteriores à

personagem, mas sim, e, principalmente, na maneira como Fabiano internaliza essa condição, visto que é a própria narrativa que demonstra, ao leitor, que o humano, em alguma medida, além de reconhecer, aceita esse papel de submissão e utilidade a ele atribuído. Essas funções sociais são moldadas por um sistema que realiza, cotidianamente, a manutenção da precariedade de sua existência, oprimindo-o. Nesse exercício de autopercepção, se nota a impossibilidade de a personagem se emancipar socialmente devido à situação de desigualdade que a circunda, como se vê no trecho:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? [...] estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau (Ramos, 1986, p. 22-23).

Fabiano, no decorrer da obra, é descrito como alguém que “cumpre obrigações” sem questionamento e, sempre que sua consciência surge, é constantemente direcionada à necessidade de sobreviver. Assim: “implica dizer que até mesmo o seu aspecto humano, que é a consciência, está ligado intrinsecamente ao produto de suas ações reificadas” (Maia, 2016, p. 38), como afirma a autora, descrevendo como o personagem foi moldado por um sistema que o limita ao trabalho físico e à obediência passiva.

Um outro aspecto que se revela de maneira contundente é a linguagem, ou, melhor dizendo, a sua ausência que, de acordo com Maia (2016), Fabiano se comunica a partir de elementos que podem ser tidos como animais, como, por exemplo, por meio de sons guturais e monossilábicos. É por esse motivo que, cada vez mais, perde as suas características humanas e se aproxima mais dos animais, o que não acontece com a cadela Baleia, que passa por um processo inverso. A partir disso, Maia (2016, p. 40) ilustra esse cenário afirmando o seguinte: “[...] falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia [...]” (Ramos, 1986, *apud* Maia, 2016, p. 40). Fica claro, portanto, que as suas interações verbais se tornam mais compreensíveis no reino animal do que na sociedade civil da qual faz parte.

Por fim, a articulação acerca da humanização e animalização presente nas personagens de *Vidas Secas* evidencia a complexidade do sujeito humano e do animal, marcados pelo entrelaçamento do instinto e da consciência, entrelaçamento esse que também se sustenta na maneira como

a narrativa da obra é conduzida, nesse caso, por um narrador que, embora onisciente, cede espaço à subjetividade das personagens.

2.3 O mundo interior de Baleia

No contexto literário, nota-se que a utilização do narrador do tipo onisciente é um mecanismo costumeiramente empregado, sobretudo naquelas obras nas quais o intuito do autor é, sobretudo, o de explorar os aspectos mais subjetivos das personagens criadas, isto é, quando se privilegia o universo interior em detrimento do exterior. Portanto, quando opta pela terceira pessoa em uma narrativa, por ter um maior acesso tanto aos pensamentos quanto às emoções dessas figuras ficcionais, o narrador onisciente consegue transmitir ao leitor não apenas os acontecimentos que circundam essas personagens, mas também, e, principalmente, traz luz às vivências singulares de cada um desses sujeitos literários.

Assim, de acordo com Henz (2017), é correto afirmar que: “há uma alternância entre personagem e narrador. Ora a história surge da mente da personagem, ora do narrador”. Quando essa abordagem se mescla ao discurso indireto livre, recurso esse que combina a voz do narrador e a consciência da personagem, a construção do enredo incorpora elementos ambíguos, com uma dimensão emocional mais estruturada. Essa técnica dá lugar ao narrador, que se infiltra na linguagem mental das personagens, reproduzindo seus pensamentos sem uma mediação explícita.

É nessa perspectiva que se insere o trabalho “O Narrador em Terceira Pessoa: A Humanização de Baleia em Vidas Secas de Graciliano Ramos”, de Costa (2014). A análise da autora se concentra em um ponto fundamental da narrativa de Graciliano Ramos, sendo a construção da subjetividade da personagem Baleia feita através do narrador onisciente e do uso do discurso indireto livre. Essa proposta não se restringe apenas ao capítulo que leva o nome da personagem, mas sim por toda a obra, através da linguagem narrativa, que permite ao leitor acesso aos sentimentos e pensamentos da mesma.

Para a autora, a representação interior de Baleia manifesta-se não por meio da fala direta, mas pela mediação sutil do narrador que, embora seja em terceira pessoa, explora as angústias mais íntimas das personagens, de forma ética. Como ela afirma: “Baleia é um ser humano sem deixar de ser animal, é a ordem natural do sertão criado no romance de Graciliano Ramos” (Costa, 2014, p. 22).

O ponto central do artigo da autora é a análise do narrador heterodiegético¹ e onisciente como fator determinante na construção da humanização de Baleia. Para ela, esse narrador, mesmo não participando ativamente da narrativa, transita livremente na interioridade das personagens e permite ao leitor vislumbrar uma profundidade emocional que transcende os limites da descrição objetiva. A presença sensível de Baleia revela-se desde o início da narrativa, quando ela, faminta, busca um preá para dividir com a família, gesto que configura sua entrada no espaço da solidariedade humana.

Durante a leitura, Costa (2014) ainda destaca algumas passagens em que a personagem sente angústias, desejos, dúvidas, lembranças e medos – características atribuídas a humanos. Ao comentar sobre uma cena do capítulo “Baleia”, em que a cachorra agoniza e imagina estar em um mundo cheio de preás, ela afirma que: “[...] a linguagem permite que a cachorra experimente as mais íntimas das sensações humanas, ela procurou ver, desejou, sentiu aflição, interrogou, pensou, fingiu, não experimentou prazer, julgou, concluiu, de fato era da família” (Costa, 2014, p. 24).

A partir das elucidações apresentadas por Costa (2014), é preciso chamar a atenção para o fato de que não se pode discutir sobre *Vidas Secas* sem se ater à maneira como Baleia, a figura que ganha atributos humanos, insere-se naquela estrutura familiar, pois, ao se observar a dinâmica desta com esse núcleo específico, pode-se compreender o que afeta essas personagens em seu interior. A cadela, nesse contexto singular, constantemente, tem atos de afeto, o que, em muitas das vezes, falta nos próprios humanos. A narrativa se finda, inclusive, com a sua morte, cuja perda impacta, sem exceção, todos da família.

Ela faz uma contribuição importante ao ressaltar que esse drama não é constituído por diálogos ou gestos em exagero, mas por imagens internas, como o momento em que a cachorra tem um delírio, sua angústia, seu desejo por continuar vivendo, sua tentativa de encontrar um esconderijo, sua memória afetiva de Fabiano.

Mediante ao cenário exposto, pode-se concluir que, ao dar ênfase na personagem Baleia durante todo o romance, o narrador heterodiegético e onisciente atua como uma figura central visto que é por meio dele que se compreende o mundo interior de todas as personagens, ou seja, o leitor conseguirá identificar quais são os sentimentos e pensamentos que aproximam o animal de um contexto intrinsecamente humano. A partir disso, a seguir, passa-se à análise do ponto

¹ Conforme Costa (2014), o narrador heterodiegético pode ser definido como aquele responsável por retratar uma narrativa em terceira pessoa e, desse modo, não participa ativamente da história. Apesar disso, tem o devido conhecimento sobre os sentimentos mais internos de cada uma das personagens.

de vista dos autores Costa (2014), Maia (2016) e Santos (2019), evidenciando a diversidade de interpretações que a personagem Baleia suscita na obra de Ramos (1986).

3 DISCUSSÃO

3.1 Análise comparativa entre os autores

A análise dos trabalhos de Santos (2019), Maia (2016) e Costa (2014) evidencia uma convergência fundamental: todos reconhecem que Baleia, na obra de Ramos (1986), transcende sua condição animal para se tornar um ser humanizado, dotado de sentimentos e consciência. No entanto, essa concordância se desdobra em abordagens distintas, que variam entre um olhar mais crítico e social, uma análise voltada à técnica narrativa e uma valorização da carga emocional da personagem.

Na leitura de Santos (2019), há uma maior atenção ao processo de humanização na cena da morte da personagem. Nesse episódio, a humanidade de Baleia atinge seu ápice, sendo construída por imagens e sensações que ultrapassam o enredo para tocar diretamente quem está lendo. O autor observa que “Baleia é continuamente humanizada e assume um papel importante dentro da narrativa [...], Graciliano Ramos narra a morte de Baleia como um episódio repleto de ações e sentimentos [...]” (Santos, 2019, p. 7).

Ao se concentrar nesse momento específico, a análise ressalta que a força da personagem está tanto na forma como é narrada quanto no vínculo que estabelece com o leitor. Por sua vez, Maia (2016) tem como foco explorar a humanização de Baleia em contraponto à desumanização do personagem Fabiano, seu dono. O interesse recai sobre a inversão operada por Ramos (1986), enquanto o homem é reduzido a condição de objeto em função das estruturas sociais e econômicas, a cadela é dotada de afeto, sensibilidade e consciência.

A autora sintetiza essa perspectiva ao afirmar que “a cachorra e seu lado humano, tão intenso pela consideração e afeição que mantém com os membros da família, é capaz até mesmo de superar o homem-objeto-mercadoria², retificado” (Maia, 2016, p. 9). Essa leitura permite compreender Baleia como herdeira daquilo que resta de humanidade na narrativa, evidenciando que, em determinados contextos, a afetividade sobrevive mais plenamente fora da esfera humana.

Na visão de Costa (2014), a estrutura narrativa tem como foco evidenciar o processo de construção dessa humanidade. A análise do trabalho evidencia que a humanização de Baleia não é apenas temática, mas produto da técnica literária.

² O termo ‘homem-objeto-mercadoria’ refere-se à forma como certos indivíduos são tratados como meros objetos de valor ou utilidade, subordinados a interesses materiais ou sociais, perdendo sua dimensão humana.

O narrador em terceira pessoa, junto ao uso do discurso indireto livre, cria um espaço no qual o leitor acessa os pensamentos e sentimentos da cadela, promovendo um estreitamento entre a experiência animal e a sensibilidade humana. Nas palavras da autora, “o narrador em terceira pessoa abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca” (Costa, 2014, p. 11).

Tal observação reforça que a presença de Baleia não é um recurso acidental, mas resultado de uma escolha consciente de construção de ponto de vista, capaz de conferir ao animal o protagonismo afetivo da narrativa. Conforme argumenta Barcz (2015, *tradução livre*), “[...] no campo dos Estudos Animais e do Pós-humanismo, dar voz ao animal é uma estratégia narratológica que descentraliza a subjetividade humana e questiona a ideia de supremacia antropológica” (Barcz, 2015, p. 99).

O diálogo entre essas leituras evidencia que, embora partam de enfoques distintos, os três autores falam a mesma língua ao reconhecerem a singularidade de Baleia. A dimensão crítica e social enfatizada por Maia (2016), a abordagem técnica e estilística de Costa (2014) e o olhar emocional de Santos (2019) não competem entre si, mas se complementam. Essas perspectivas, quando articuladas, permitem perceber que a força da personagem reside justamente na sobreposição dessas camadas.

Baleia é, ao mesmo tempo, símbolo de resistência humana em meio à desumanização, fruto de uma construção narrativa sofisticada e figura afetiva capaz de mobilizar o imaginário do leitor. Ao reunir tais olhares, forma-se um retrato mais denso e plural, capaz de sustentar novas leituras e interpretações. A partir dessa introdução, inicialmente, é preciso elucidar de maneira mais direta como os três textos selecionados tratam da personagem principal em comento nesta análise.

Enquanto Costa (2014) objetiva representar como se constitui o ‘mundo interior’ de Baleia a partir da voz de um narrador que apresenta a história em terceira pessoa, Santos (2019) discute, especificamente, sobre a constituição desse processo de ‘humanização’, e, para atingir este fim, recorre ao discurso indireto livre. De maneira semelhante, há que se ressaltar que Maia (2016), por sua vez, ao organizar a sua análise em capítulos, foca no processo de ‘coisificação’ de Fabiano, fazendo um contraponto ao processo de ‘humanização’ pelo qual Baleia perpassa ao longo de toda a história.

Com base em tais escolhas, notam-se algumas convergências, uma vez que tanto Costa (2014) quanto Santos (2019) demonstram que a ‘humanização’ do animal, ao longo de toda a narrativa, é apresentada a partir do narrador em terceira pessoa. A partir disso, os autores frisam que, durante todo o percurso narrativo, a personagem, constantemente, mantém-se humanizada

e atua como uma figura essencial ao romance, assumindo expressivo protagonismo. Maia (2016) também compreende isso, adicionando o fato de que o animal ganha um destaque ainda mais explícito no que designa de ‘delírio anterior à morte’.

Para Costa (2014), quando se faz a escolha pelo narrador heterodiegético, bem como pelo discurso indireto livre, consegue-se evidenciar a construção de um aspecto que dita o ritmo de todo o romance: o afeto. Santos (2019) corrobora essa visão e acrescenta que, ao se narrar em terceira pessoa, consegue-se, simultaneamente, descrever como aquelas relações afetivas se constituem e dar vida a sentimentos diversos e complexos. Já para Maia (2016), essa escolha permite realizar uma comparação sistemática entre dois processos que dão vida à questão da reificação social de Fabiano, sendo eles a ‘humanização’ e a ‘coisificação’.

Contudo, embora esses autores se aproximem, eles partem de diferentes ênfases analíticas. Costa (2014), por exemplo, explora aspectos que configuram o que nomeia de ‘mundo interior’ de Baleia, e, assim, os trechos selecionados exploram diferentes temas que englobam este ‘mundo’, como a sede, a dor e o processo de deliberação, que são retratados por meio do discurso indireto livre, o que não é tão determinante na análise de Santos (2019), que opta por analisar especificamente o momento da morte desta personagem, pois compreende que o falecimento é o momento em que esse processo humanizatório fica mais evidente.

Santos (2019), ao focar nesse processo, visa demonstrar que Baleia foi, para as demais personagens, seu principal exemplo de fidelidade, dedicação e obediência, vinculando essas qualidades ao processo de humanização. Ao abordar a temática da morte, o autor descreve-a de modo que o leitor compreende que se trata de um episódio composto a partir de ações e, sobretudo, de sentimentos, ambíguos e complexos. Isso faz com que a ‘humanização’ do ‘inumano’ ocorra de maneira contínua, fazendo com que o leitor se torne sensível ao desfecho daquela personagem:

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles. Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades (Ramos, 1981, p. 46).

Considerando também esse contexto em específico, Maia (2016) explora, em sua análise, a sequência de ações desencadeada após o disparo, e nesse exercício relaciona o verbo ‘temer’ ao quadro de reação e fuga. Diante disso, a pesquisadora se ocupa em elucidar todas as ações de Baleia anteriores ao tiro, e uma em específico chama a atenção: o seu ‘deslocamento’

para longe do dono, por estar ‘desconfiada’. É esse o aspecto que diferencia a análise de Maia (2019) da de Santos (2019).

Maia (2016) assume outra ênfase, que é a descrição do momento de delírio pelo qual Baleia perpassa, e, nesse processo, relaciona o comportamento do animal com o dono de modo a demonstrar que não se trata de um mero ‘instinto’. Nesse sentido, é correto afirmar que o principal objetivo da autora é apresentar os principais sentimentos e sensações íntimas de Baleia, para, a partir disso, elucidar como ocorre o processo de ‘coisificação’ de Fabiano (e, conseqüentemente, de ‘humanização’ do animal):

Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir preás, que pulavam e corriam em liberdade. Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar [...] Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas (Ramos, 1986, p. 89).

Sob essa ótica, é necessário apresentar alguns exemplos específicos de momentos em que o recurso da personificação é utilizado, considerando as escolhas dos três autores aqui selecionados. Costa (2014), por exemplo, pelo fato de o narrador conhecer os aspectos psíquicos mais profundos que constituem Baleia, sugere que ela, além de pensar, age com certa consciência. Nesse sentido, transcreve, em sua análise, a fala em que Baleia é equiparada a um membro da própria família:

Fabiano abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente (Ramos, 2013, p. 34).

Costa (2014), a partir disso, foca na percepção de Fabiano sobre o papel que a cadela desempenha naquela hierarquia. Além disso, a autora destaca uma cena em específico: aquela em que se nota o arquejar e tremor de Baleia diante do objeto que se encontra nas mãos do seu tutor. Esse aspecto é fundamental à construção do que há de mais íntimo na personagem, que é esclarecida por esse narrador imparcial. Por outro lado, Costa (2014) recupera uma outra ação, aquela em que Baleia localiza preás e, nesse percurso, o narrador explora os principais gestos aos quais o animal dá um foco específico:

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais embotava: certamente os preás tinham fugido. Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com objeto esquisito na mão (Ramos, 2013, p. 89).

Já em Santos (2019), esse processo de ‘humanização’, que ocorre por meio do recurso da personificação, é explorado como base na cena final, que manifesta o desejo de Baleia por um mundo cheio de preás. Ali, associa-se esse desejo à família de Fabiano. Ao relatar esse processo, Santos (2019) foca nas cenas que demonstram que o animal é o principal exemplo de fidelidade, dedicação e obediência, demonstrando que essas são as principais qualidades acionadas ao longo da narrativa para se esclarecer ao leitor os motivos para que essa personagem seja entendida como mais humana do que quem, de fato, é humano.

3.2 Crítica à visão dos autores

Conforme analisado anteriormente, observo que, embora as obras de Santos (2019), Maia (2016) e Costa (2014) partam de ênfases distintas, as leituras se convergem no reconhecimento de Baleia como personagem que ultrapassa sua condição animal e assume papel central no enredo de *Vidas Secas*. À luz desse cenário, compreendo que esse panorama comparativo me revelou não apenas a diversidade de olhares e pontos de vista analíticos distintos, mas também como essas perspectivas se articulam para construir uma interpretação mais ampla e consistente da obra.

A partir da análise deste trabalho, ressalto que a leitura de Maia (2016) ressoa de forma contundente, pois desloca Baleia de um papel periférico para um núcleo central de humanidade em um contexto que oprime o humano. Essa perspectiva reforça que a personagem não é mero elo afetivo, mas sim um agente de resistência existencial. Tendo em vista esse cenário, reconheço que essa leitura específica amplia o alcance do romance para além de sua dimensão social direta, como se a afetividade animal ampliasse o campo da solidariedade literária.

Assim, compreendo que a leitura se encaixa na teoria de Zamir (2007, *tradução livre*) ao discutir que “animais suscitam em nós uma reflexão ética que transcende o utilitarismo humano” (Zamir, 2007, p. 123), fortalecendo a leitura de Maia (2016) como uma crítica ética à desumanização. Acerca do trabalho de Costa (2014), em que a autora destaca o uso do narrador em terceira pessoa e do discurso indireto livre, apreciamos como um acerto narrativo. A técnica utilizada por Ramos (1938) não só humaniza Baleia, como também quebra as barreiras entre humano e não humano no enredo, sem apelar para o sentimentalismo ou antropocentrismo explícito.

Dessa maneira, observo que essa estratégia se remete às reflexões apresentadas por autores que integram o campo pós-humanista, sobretudo às elucidações postas por Mambrol (2018, *tradução livre*), que concebe que: “narrar do ponto de vista não humano é uma maneira

de descentralizar a experiência literária” (Mambrol, 2018, p. 45). Nesse sentido, a análise de Costa (2014) dialoga com esse deslocamento estético que amplia o leque empático do leitor. Na leitura de Santos (2019), a forma como o autor aprofunda o momento da morte da personagem ressalta a carga simbólica de Baleia.

Dessa forma, mediante ao exposto, reconheço que essa cena é um ponto de convergência através da emoção, pois faz da narrativa uma experiência sensível. A partir disso, friso que estudos de crítica literária, como o estudo de Scully (2003, *tradução livre*), afirmam que “a presença emocional forte de figuras não humanas pode ser um ponto de inflexão para a consciência de quem lê” (Scully, 2003, p. 88). Assim, compreendo que a leitura apresentada por Santos (2019) adquire formas mais nítidas e abrangentes, mostrando que a literatura pode criar pontes emocionais que desafiam os limites de espécie e de sentido.

A partir de Costa (2014), percebo que essa leitura entende que o narrador assume uma função social primordial, a de mediador: “a personagem Baleia não ganha características humanas somente no quadro intitulado de ‘Baleia’, mas ao longo da narrativa a partir do ponto de vista do narrador em terceira pessoa” (Costa, 2014, p. 8). Todavia, considero que, embora importante, a visão é limitada, visto que concebo que a humanização do animal não deve ser vista apenas como um aspecto narrativo, mas como algo que molda o afeto e a solidariedade da cadela com os membros da família, o que é pouco explorado pela autora.

Além disso, pontuo que Costa (2014) insiste, tecnicamente, na exploração do discurso indireto livre para: “[...] pensar a natureza humana dentro da irracionalidade, ou o inverso. A possibilidade está na literatura que pode questionar a verdade absoluta” (Costa, 2014, p. 13). Não discordo que esse recurso narrativo é fundamental nesse contexto, contudo, entendo que a autora deixa em segundo plano um contexto que é essencial à narrativa: a pauta da miséria, visto que é ela que faz com que as ações de Baleia façam sentido, pois é esse cenário que a torna cada vez mais solidária e afetuosa com aquela família que vive em situação de tanta vulnerabilidade.

Defendo, portanto, que a cadela não é humanizada apenas por meio da linguagem, mas também, e sobretudo, por ações que elucidam como se dá a convivência entre todos em um espaço marcado pela necessidade de, diariamente, aprender a sobreviver. Já Maia (2016), de maneira ‘insistente’, apresenta uma contraposição simbólica entre Fabiano e Baleia. Sob esse prisma, defende que: “o processo de animização de Fabiano e humanização de Baleia chamou atenção por essa inversão” (Maia, 2016, p. 9). Vejo valor nessa leitura, uma vez que ela realça o movimento dialético que se encontra presente ao longo de toda a narrativa.

Entretanto, observo que essa análise específica reduz a figura de Baleia a um ‘indivíduo’ que é colocado para ser ‘espelho’ de Fabiano, e, assim, ignoram-se a autonomia, os pensamentos e desejos do animal, que é justamente o que o romance questiona. Ao contrastar a figura de Fabiano, o humano, com Baleia, o ‘inumano’, Maia (2016) enfatiza que: “a pesquisa atende a um tema ainda bastante atual, que é a reificação como processo de transformação da massa em objetos” (Maia, 2016, p. 9).

Estou de acordo que a associação entre a ‘coisificação’ e a ‘humanização’ é interessante e atual, entretanto, em minha visão, a autora reduz o papel social desempenhado por Baleia a um recurso que busca evidenciar a reificação do humano. Tal perspectiva não considera que a cadela é um sujeito e, como tal, possui sentimentos e sonhos. Não devemos fazer apenas um contraponto de um com o outro. Ambos são seres sensíveis, com histórias e trajetórias bem marcadas.

Por outro lado, Santos (2019) opta por explorar os momentos finais de vida da cadela, pois considera que: “no decorrer dos últimos momentos de sua vida, Baleia é envolvida por uma sensação de delírio, instante este em que se constitui no ponto mais alto do processo de humanização dela” (Santos, 2019, p. 7). Reconheço a importância desse episódio, mas discordo de que ele seja o único momento de ápice da narrativa, pois considero a ‘humanização’ da cadela, por meio da personificação, um processo que enquadrado como contínuo, pois é perceptível desde a sua primeira aparição.

Desde o princípio, Baleia é descrita como parte integrante daquela família sertaneja. Ao meu ver, Santos (2019) apresenta uma leitura única e específica, o que acaba por reduzir a complexidade romanesca ali posta. Nessa perspectiva, noto a preferência pela exploração de pautas que perpassam pelo campo da afetividade, pelo fato de que “baleia seria aquela que traria características humanas, e, sobretudo, obediência e fidelidade em favor da família” (Santos, 2019, p. 9).

Embora não se possa ignorar a pertinência dessa interpretação, em minha visão, quando se enfatiza, por exemplo, a fidelidade, automaticamente, corre-se o risco de idealizar Baleia e, conseqüentemente, se perde essa figura de sua ambigüidade. Como a personagem é, ao mesmo tempo, instintiva e consciente, ambígua e contraditória, quando é reduzida à qualidade de ser fiel, perde certa riqueza, uma vez que o romance busca, sobretudo, problematizar a própria condição humana em um contexto específico, que é o da miséria.

Mediante o exposto, chego a algumas conclusões. Quando comparo os três autores, noto que Costa (2014) foca em analisar detalhadamente a técnica narrativa, ao passo que Maia (2016) explora o jogo dialético que se firma entre Fabiano e Baleia, enquanto Santos (2019) privilegia

a dimensão do afeto. Cada pesquisador é singular em suas escolhas, o que contribui para trazer diferentes pontos de vista. Todavia, todos eles fragmentam excessivamente o processo de humanização da cadela.

Em minha visão, o animal não deve ser apresentado apenas a partir de um viés narratológico, simbólico ou afetivo de maneira isolada, pois isso segrega a análise. A qualidade argumentativa, segundo minhas perspectivas, reside justamente na integração de ambas as dimensões, pois, juntas, tornam esta obra tão singular. Além disso, nesta mesma linha de raciocínio, destaco a cena do delírio de Baleia, pois Maia (2016) e Santos (2019) a retratam de maneiras singulares, isto é, distintas.

Entretanto, ambos fragmentam esse processo de retratação. Maia (2016) foca no cenário de miséria que assola a todos, sem enfatizar que um sofre mais ou menos consequências, o que também é corroborado por Santos (2019), que entende que a miséria é “o ponto mais alto do processo de humanização” (Santos, 2019, p. 9). Ao meu ver, ambos reduzem esse contexto, atribuindo funções psicológicas e/ou sentimentais às personagens envolvidas. Em minha visão, o delírio também é capaz de denunciar a violência estrutural que afeta a vida sertaneja, aspecto que é explorado superficialmente pelos dois pesquisadores.

Partindo para os encaminhamentos finais, concebo que Costa (2014) insiste em sua análise, que “a obra apresenta uma construção dialética a partir do ponto de vista do narrador onisciente que constrói imagens do humano, do animal e da paisagem, como se todos os aspectos se comunicassem” (Costa, 2014, p. 12). Concordo parcialmente, pois observo que a autora não problematiza o fato de que esta comunhão é desigual. Os vínculos afetivos são construídos em um contexto de escassez, o que estremece as relações. Portanto, a humanização de Baleia não é apenas uma escolha estética, mas uma forma de denunciar desigualdades.

Por outro lado, a abordagem de Maia (2016) sobre Fabiano reforça, como já observado anteriormente, que a “pesquisa atende a um tema ainda bastante atual, que é a reificação como processo de transformação da massa em objetos resultados das mudanças no sistema” (Maia, 2016, p. 9). Aprecio essa preocupação em inserir a análise de Graciliano em um horizonte social mais amplo. No entanto, observo que, ao enfatizar a coisificação, relega-se Baleia a um papel secundário, quando, na verdade, a cadela é a personagem mais complexa do enredo, pois é instintiva e consciente.

Por fim, quando comparo os três autores, percebo que Costa (2014) contribui ao campo dos estudos literários ao privilegiar a dimensão narratológica, Maia (2016) ao explorar a dimensão social e Santos (2019) o campo afetivo. Entretanto, cada um deles, ao privilegiar apenas um viés, acaba reduzindo a pluralidade de sentidos que a humanização de Baleia contém.

Minha leitura crítica, como pesquisadora, é que a personagem não pode ser entendida de forma fragmentada. Ela encarna, ao mesmo tempo, uma escolha estilística, um contraponto social e detém laços afetivos. É nessa integração que reside a radicalidade da obra de Graciliano Ramos.

4 CONCLUSÃO

O estudo da personagem Baleia se revelou uma experiência significativa para mim, não apenas enquanto acadêmica, mas enquanto ser humano que vive em um Brasil desigual, onde a miséria ainda é um problema enfrentado por diversos brasileiros. Ao longo da pesquisa, percebi o quanto a cadela representa mais do que um recurso narrativo em *Vidas Secas*: ela é uma síntese de afeto, resistência e humanidade em meio à dureza do sertão. Trabalhar com essa personagem me permitiu compreender que a literatura é capaz de dar voz àquilo que muitas vezes não é ouvido, e isso amplia a nossa percepção sobre a vida e sobre o papel das narrativas.

Essa análise contribuiu diretamente com a minha formação enquanto acadêmica, profissional de Letras e ser humano, pois me possibilitou exercitar uma leitura mais atenta e sensível, indo além do resumo e buscando interpretar o que está por trás das escolhas estilísticas e temáticas dos autores estudados, o que me tornou mais sensível ao que ocorre em nosso país. Nesse sentido, a pesquisa não apenas aprofundou meu conhecimento sobre Graciliano Ramos, mas também me ofereceu ferramentas para dialogar com teorias críticas atuais, estabelecendo um elo entre tradição literária e debates contemporâneos.

Enquanto leitora e estudante de Letras, considero que esse processo foi fundamental. Ele me mostrou como a literatura pode dialogar com questões éticas, sociais e emocionais que atravessam, no dia a dia, a vida de milhões de cidadãs e cidadãos brasileiros, além de reforçar a importância da análise crítica na construção de uma visão mais ampla sobre a realidade que me circunda. Estudar Baleia foi, portanto, mais do que um exercício acadêmico: foi um aprendizado humano e intelectual que levarei para minha trajetória profissional e pessoal.

Ao retomar os objetivos apresentados na introdução, observo que a proposta de realizar uma revisão bibliográfica sobre as principais análises feitas na última década, isto é, entre 2010 e 2019, com foco no recurso da personificação para se compreender a ‘humanização’ de Baleia, foi cumprida, pois Costa (2014), Maia (2016) e Santos (2019) reuniram diferentes perspectivas acerca da construção da cadela em *Vidas Secas*. Essa sistematização revelou convergências e divergências que, em conjunto, possibilitaram compreender de forma mais abrangente o papel desempenhado por essa personagem na obra de Graciliano Ramos.

Assim, os resultados alcançados confirmam que Baleia não assume a mera função de um animal doméstico. Torna-se uma das figuras mais emblemáticas da literatura brasileira, pois representa afeto, consciência e resistência em um cenário de miséria e adversidade. Sua relevância se evidencia não apenas pela função narrativa que exerce, mas, sobretudo, por ser,

ao mesmo tempo, uma crítica social e uma ponte de aproximação entre leitor e obra, reforçando o poder simbólico que Graciliano Ramos atribui ao recurso da personificação.

Dessa forma, concluo que estudar *Baleia* é reconhecer a força que a literatura possui em dar voz aos silenciados e em construir novas formas de perceber o humano e o não humano. Para a formação leitora dos estudantes, análises como esta se mostram fundamentais, pois incentivam a leitura crítica, ampliam a sensibilidade diante das desigualdades sociais e fortalecem a compreensão de que a literatura é um espaço de resistência e de reflexão ética. É nesse diálogo entre texto, crítica e leitor que se encontra a relevância maior desta pesquisa e de sua contribuição para a educação literária.

REFERÊNCIAS

- BARCZ, Anna. Posthumanism and its animal voices in literature. *Teksty Drugie. Teoria Literatary, Krytyka, Interpretacja*, n. 1, p. 248-269, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/td/12190>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- BELTRÃO, Larissa Cardoso; NASCIMENTO, Bruna. Da vida orgânica à desumanização provocada pela seca: os processos de zoomorfização e antropomorfização em *Vidas Secas*. *Jornal O Vetor*, 3 jul. 2014. Disponível em: <https://ovetor.com.br/da-vida-organica-a-desumanizacao-provocada-pela-seca-os-processos-de-zoomorfizacao-e-antropomorfizacao-em-vidas-secas/>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- COSTA, Cleonilde Ribeiro de Souza. O narrador em terceira pessoa: a humanização de Baleia em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 7, n. 2, p. 8-26, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reactl/article/view/180>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. *Línguas & Letras*, v. 17, n. 35, p. 291-294, 2016. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/13193/10642>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HENZ, Filipe. Estilo indireto livre: técnica, aplicações e efeitos na escrita ficcional. *Medium*, 23 ago. 2017. Disponível em: <https://medium.com/filipe-henz/estilo-indireto-livre-bd4442c7df33>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- MACIEL, Maria Esther. **Animalidades: zooliteratura e os limites do humano**. [S.l.]: Editora Instante, 2023. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vVjgEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1939&dq=a+animalidade,+na+literatura,+n%C3%A3o+%C3%A9+apenas+uma+met%C3%A1fora+do+outro&ots=7ixXsWnjDy&sig=i_aPI7FvfDqPmW8Oi9KS5lephQo. Acesso em: 27 ago. 2025.
- MAIA, Cláudia Joanne da Silva. **Vidas secas: um estudo de coisificação/animalização em Fabiano em contraponto à humanização da personagem Baleia**. 2016. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Faculdade de Letras, Patu, 2016. Disponível em: <https://portal.uern.br/patu/dlv/wp-content/uploads/sites/4/2024/05/Claudia-Joane-da-Silva.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- MAMBROL, Nasrullah. Posthumanist criticism. *Literariness*, 25 jul. 2018. Disponível em: <https://literariness.org/2018/07/25/posthumanist-criticism/>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- MOTTA ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Explorando modalidades retóricas sob a perspectiva da multimodalidade. *Letras*, n. 40, p. 43–66, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12025>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- RAMOS, Graciliano. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 58. ed. São Paulo: Record, 1986.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 123. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. **O drama ético na obra de Graciliano Ramos**: leituras a partir de Jacques Derrida. 2012. 259f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-8TUL47>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SANTOS, Petrônio Martins dos. **O processo de humanização de personagem no conto “Baleia” de Graciliano Ramos**. 2019. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, Catolé do Rocha, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21735/1/PDF%20-%20Petr%C3%B4nio%20Martins%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SCULLY, Matthew. **Dominion**: the power of man, the suffering of animals, and the call to mercy. 1. ed. Broadway, New York: St. Martin's Griffin, 2003.

ZAMIR, Tzachi. **Ethics and the beast**: a speciesist argument for animal liberation. Oxford: Princeton University Press, 2007.